

## 5 Conclusão

Toda história que se escreve está conectada, inelutavelmente, à época em que é escrita. "O historiador trata dos eventos no presente, com sua armadura cultural, com sua estrutura epistemológica, conformando esse objeto" <sup>1</sup>. Daí, hoje, ser tão fácil se apontar a inocência existente na ação dos arquitetos modernos, que pretendiam modificar o mundo pelo caráter regenerador da forma; pela exemplaridade do racionalismo. Porém, naquela época, antes da segunda guerra mundial, antes da bomba atômica, antes da constatação de que a industrialização não seria indutora automática de bem-estar e progresso social para todos, apoiados nas fortes e poéticas teorizações de Le Corbusier e dos alemães da Bauhaus, era difícil de se perceber quão ingênuas e autoritárias eram essas formas de atuação.

A decadência dos sonhos modernos constitui parte da derrocada do narcisismo ocidental, que acreditava que sua racionalidade seria um instrumento capaz de sujeitar o mundo ao seu modelo de ideal. Todo esse idealismo, que desconsiderava o caráter complexo, múltiplo e contraditório do ser humano, conseguiu resultados bastante significativos nos diversos países onde foi implantado, porém, sempre longe de ter a amplitude que seus partícipes previram. Os avanços das ciências sociais e a maior comunicabilidade entre os diversos grupos trouxeram uma percepção mais diversificada do mundo. Ao antigo eurocentrismo, espinha dorsal do movimento moderno, opõe-se uma compreensão de multiculturalidade que traz em seu bojo a necessidade de se buscar novos entendimentos sobre os conceitos de tempo, de história e do próprio sujeito. Esses novos valores, essa nova gigantesca polifonia nos atordoam e ainda não encontrou respostas que dêem conta de tantas questões que surgem.

Talvez, essas respostas nunca surjam; talvez, não haja mais espaço para certezas e projetos tão soberbos quanto os do movimento moderno, visto que a consciência dessa tamanha polifonia parece embargar no homem contemporâneo qualquer pretensão de organização tão abrangente. Porém, se por um lado nos

sentimos menos autoritários e ingênuos, por outro, por vezes, parecemos sucumbir diante de tantos valores diversos que “invadem nossa consciência vindos de tantas direções que sobrecarregam a capacidade da inteligência humana de ordená-los coerentemente”<sup>2</sup>. Daí, talvez, sintam-se a falta da pretensão e do narcisismo do modernismo. Afinal, como todo narcisismo, a crença na capacidade moderna trouxe para esse movimento um caráter de grande potência; e é, justamente, tal caráter que faz com que suas obras permaneçam dignas, sendo objeto de admiração e de estudo até os dias atuais.

E os Roberto, objeto desse estudo, indubitavelmente, criaram seus projetos movidos por essa potência; acreditando que a constituição espacial através da articulação de planos e volumes, do emprego da tecnologia mais avançada e da idéia de organização de trajetos e ambientes segundo rígidos critérios funcionais, seria de tal maneira revolucionária e plena que teria força para transformar o mundo. Porém, nem mesmo tamanha potência parecia conseguir sufocar seu desconforto, que, como aqui se pretendeu mostrar, fazia-se vislumbrar em suas escolhas estéticas.

Assim, imersos na plasticidade brasileira e pouco preocupados em responder ao rigor europeu, a partir do “coração do meu Brasil”, sede do governo autoritário e paternal de Getúlio Vargas, construíram uma poética onde apresentavam lado a lado suas certezas e suas dúvidas, num jogo de antagonismos não excludentes.

Avizinhavam a padronização, necessária a industrialização, e a singularidade; o produto serial e o artesanal; a tecnologia mais moderna disponível no país e a releitura de elementos vernaculares; programas cotidianos com visualidade sofisticada e assim elaboraram uma poética que dá aos seus prédios uma marca de diferenciação que mesmo que localizados, geralmente, imiscuídos na desordem miscigenada da urbe carioca, basta que se faça referência a algum elemento mais marcante que logo se consegue trazê-los à lembrança.

---

<sup>1</sup> BRITO, Ronaldo. “Fato estético e imaginação histórica”. IN: LIMA, Sueli (org). *Experiência Crítica*. São Paulo, Cosac Naify, 2005. P. 141.

<sup>2</sup> EISENSTEIN, E.L. *Clio and Chronos: an Essay on the Making and Breaking of History-book Time*. London, Beiheft, 1966, p.63.

Parte dos edifícios aqui citados se apresenta em mau estado de conservação<sup>3</sup> (especialmente os de uso comercial ou institucional), precisando de obras de restauro de grande monta. Esse envelhecimento, comum a quase todos os edifícios dessa fase da arquitetura brasileira, denuncia, por si só, uma das falhas do projeto moderno que pretendia que suas máquinas de morar e de trabalhar fossem perpétuas e de fácil manutenção. Mesmo assim, a existência das edificações projetadas pelos irmãos Roberto ainda sendo usadas seguindo as propostas iniciais dos arquitetos, quase um século depois da primeira delas ter sido planejada, é a maior homenagem que se poderia fazer a seus criadores, pois, indubitavelmente, “em fluxo contínuo, modificando, envelhecendo, renovando e sempre interagindo com o presente<sup>4</sup>” esses edifícios constituem-se como valiosos testemunhos dessa época tão vigorosa e bela de nossa arquitetura.

---

<sup>3</sup> Praticamente, todos os edifícios citados nesse estudo continuam existindo (as exceções seriam a Casa Xavier e a residência Arthur Coimbra, recentemente demolida). Alguns sofreram mudanças bastante danosas (o Marquês do Herval e o Seguradoras tiveram seus brises retirados; o Stand de vendas da Fazenda Samambaia foi reformado para se adaptar ao uso como residência e teve, nessa mudança, um de seus módulos destruídos; o Aeroporto Santos Dumont sofreu diversas reformas e foi vitimado por um grande incêndio; a Colônia de Férias foi, recentemente, modificada para ser transformada numa clínica). Alguns passaram por mudanças que são reversíveis e não alteraram excessivamente o conjunto (como a ABI, o IRB, a Liga da Tuberculose, o Plínio Catanhede e a SOTREQ) e outros estão muito bem conservados (a que se destacar o Finúzia e Dona Fátima, o Angel Ramires, o Júlio Barreto e a maioria das escolas do SENAI).

<sup>4</sup> LOWENTHAL, David. “Como conhecemos o passado”. IN: Projeto História. São Paulo, EDUC, no 17, Novembro de 1998, p.145.